

Mesclando imagens, criando narrativas outras: educações menores em HIV/aids e(m) filmes

Tiago Amaral Sales¹

Enviado: 13 de abril de 2023 / Aceptado: 5 de junio de 2023

Resumo. Este artigo objetiva mobilizar educações menores em HIV/aids possíveis com/em/a partir de filmes por meio de cartografias que acontecem em experimentações escritas e imagéticas embrionadas no encontro com produções cinematográficas. Para tal, são permeadas três narrativas audiovisuais contemporâneas –*120 Batimentos por minuto* (2017), *Carta para além dos muros* (2019) e *Como sobreviver a uma praga* (2012)– que versam em torno da pandemia de HIV/aids em diferentes tempos e espaços. Nos filmes, são tangenciadas as dimensões do corpo, do desejo, da sexualidade, da vida e da morte através de histórias de luta, de amor, de amizade, de solidariedade, de estigma, de violência, de começos e de fins, mobilizando o autor em criações – escritas e imagéticas – em aproximações com a educação em ciências, biologia e saúde. Tais produções permitem importantes reflexões acerca das existências LGBTIQ+ e dos processos de subjetivação que as impactam por dispositivos que agenciam os seus corpos e desejos. Em inspirações cartográficas, imagens e sons movimentam escritas-encontros acerca de afetos que tangenciam o corpo do autor e também inspiram manipulações imagéticas que permitam pensar e articular educações menores em HIV/aids. Assim, constata-se que, ao agenciar as questões em torno do HIV/aids e da educação, os caminhos não estão prontos. Dessa forma, defende-se que as narrativas audiovisuais educam por si só e também podem ser movimentadas na instauração de educações menores, militantes, engajadas com o enfrentamento de estigmas, articuladas com a experimentação do desejo e a defesa da vida em sua potência.

Palavras-chave: HIV/aids; cinema; educação menor; estudos LGBTIQ+; educação em Saúde.

[es] Mezclando imágenes, creando narrativas otras: educaciones menores en VIH/SIDA y(en) películas

Resumen. Este artículo tiene como objetivo movilizar educaciones menores en VIH/SIDA posibles con/en/desde películas a través de cartografías que suceden en experimentos escritos y de imágenes embrionadas en el encuentro con las producciones cinematográficas. Para eso, se permean tres narrativas audiovisuales contemporáneas –*120 latidos por minuto* (2017), *Carta más allá de los muros* (2019) y *Cómo sobrevivir a una plaga* (2012)– que abordan la pandemia del VIH/SIDA en diferentes tiempos y espacios. En las películas se tocan las dimensiones del cuerpo, del deseo, de la sexualidad, de la vida y de la muerte a través de relatos de lucha, amor, amistad, solidaridad, estigma, violencia, comienzos y finales, movilizándolo al autor en creaciones –escritas e imágenes– en aproximaciones con la educación en ciencia, biología y salud. Tales producciones permiten importantes reflexiones sobre las existencias LGBTIQ+ y los procesos de subjetivación que las impactan a través de dispositivos que agencian sus cuerpos y deseos. Las inspiraciones cartográficas, visuales y sonoras mueven escrituras-encuentros sobre los afectos que atraviesan el cuerpo del autor, así como inspiraciones en manipulaciones de imágenes que permiten pensar y articular educaciones menores en VIH/SIDA. De este modo, se constata que, al agenciar cuestiones relacionadas con el VIH/SIDA, los caminos no están listos. De este modo, se postula que las narrativas audiovisuales educan por sí mismas y también pueden ser utilizadas en la instauración de educaciones menores, militantes, comprometidas con el enfrentamiento de los estigmas, articuladas con la experimentación del deseo y la defensa de la vida en su potencia.

Palabras clave: VIH/SIDA; cine; educación menor; estudios LGBTIQ+; educación en salud.

[en] Merging images, creating other narratives: minor educations on HIV/AIDS and(in) movies

Abstract. This paper aims to mobilize minor educations in HIV/AIDS possible with/in/from films through cartography that takes place in written and image experiments embryonated in the encounter with cinematographic productions. To this end, three contemporary audiovisual narratives are permeated – *120 Beats per minute* (2017), *Letter beyond the walls* (2019) and *How to survive a plague* (2012) – which deal with the HIV/AIDS pandemic at different times and spaces. In the films, the dimensions of the body, desire, sexuality, life and death are touched on through stories of struggle, love, friendship, solidarity, stigma, violence, beginnings and ends, mobilizing the author in creations – written and imagery – in approaches to science, biology and health education. Such productions allow for important reflections on LGBTIQ+ existences and the subjectivation processes that impact them through apparatus that manage their bodies and desires. In cartographic inspirations, images and sounds move writings-encounters about affections that touch the author's body and also inspire image manipulations that allow thinking and articulating minor educations in HIV/AIDS. Thus, it appears that,

¹ Licenciado e Bacharel em Ciências Biológicas, Mestre em Educação e Doutor em Educação pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Pós-doutorando no Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo (Labjor) da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Professor de Ciências e Biologia.
E-mail: tiagoamaralsales@gmail.com.
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3555-8026>

when dealing with issues around HIV/AIDS and education, the paths are not ready. In this way, it is argued that audiovisual narratives educate by themselves and can also be used in the establishment of minor, militant educations, engaged with the confrontation of stigmas, articulated with the experimentation of desire and the defense of life in its potency.

Keywords: HIV/AIDS; cinema; minor education; lgbtiq studies; health education.

Sumario: 1. Introdução. 2. Metodologia. 3. Cartografias em escritas-encontros. 3.1. 120 Batimentos por Minutos. 3.2. Carta para além dos muros. 3.3. Como sobreviver a uma praga. 4. Criando narrativas outras. 5. Mesclando imagens. 6. Considerações finais. 7. Referências.

Cómo citar: Amaral Sales, T. (2023). Mesclando imagens, criando narrativas outras: educação menores em HIV/aids e(m) filmes, em *Estudios LGBTQ+ Comunicación y Cultura*, 3(2), pp. 35-46.

1. Introdução²

Ingressamos, nos anos 2020, na quinta década da pandemia de HIV/aids. Mais de quarenta anos atrás foram registrados oficialmente os primeiros casos de uma imunodeficiência que levava adultos aparentemente saudáveis rapidamente à morte. Uma trajetória de muitas perdas marca a história da aids, juntamente da consolidação de estigmas e preconceitos que seguem em vigor até os tempos atuais, se atualizando constantemente.

Após cerca de 36 milhões de mortes em decorrência da aids e o registro de aproximadamente 37 milhões de pessoas vivendo com o HIV no mundo (Unaid, 2021), nos encontramos em um cenário em que o vírus pode ser controlado e prevenido. Medicamentos antirretrovirais garantem que se freie a replicação viral, que as pessoas infectadas atinjam a indetectabilidade, logo, intransmissibilidade (Rodger et al, 2019; Cohen et al, 2016; Rodger et al, 2016), e também podem ser utilizados como métodos de prevenção, como na PEP e PrEP³.

Todo este cenário de mudanças em torno da aids é marcado por dispositivos (Foucault, 2013) biomédicos que engendram formas de viver e de pensar, movimentando saberes e práticas em torno do corpo, do prazer e do desejo. A própria aids é articulada como um dispositivo (Perlongher, 1987; Sales, 2022a) que foi se cronificando com o advento dos avanços biomédicos, sobretudo das terapias antirretrovirais (Butturi Junior, 2019; Butturi Junior & Lara, 2018).

Diversas pedagogias foram e continuam sendo traçadas em torno do HIV e da aids, atreladas aos discursos e práticas que envolvem as dimensões de corpo, gênero e sexualidade, permeadas por dispositivos médicos que engendram processos de subjetivação. Ao ser transmitido principalmente por vias sexuais, somado ao fato de ter, inicialmente, afetado principalmente populações historicamente marginalizadas, como LGBTQ+⁴ – sobretudo homens gays e bissexuais, travestis e mulheres trans –, usuários de drogas injetáveis, dentre outros sujeitos com suas existências já estigmatizadas, tal processo de violência e segregação se intensificou. Tal fato culminou na instauração do termo preconceituoso dos grupos de risco (Jardim, 2019).

A pandemia de HIV/aids, por afetar tantos, também repercutiu em diferentes produções, atravessando territórios científicos, artísticos, midiáticos e culturais. Manchetes, noticiários jornalísticos, artigos científicos, livros literários, escritas poéticas, pinturas, desenhos, filmes. Produções de si e do outro. São múltiplas as formas de narrar os impactos de um vírus no mundo, como podemos perceber também contemporaneamente com a pandemia de covid-19⁵. A partir disso, este trabalho debruça-se em produções audiovisuais que narram as relações com a pandemia de HIV/aids, assumindo que tais criações também instauram modos de ver, ouvir, sentir e viver tal emergência pandêmica, nos educando.

² Este texto consiste em desdobramentos dos resultados de minha pesquisa de doutoramento. Assim, parte dele foi publicada inicialmente com o título de *Pistas de uma educação menor em HIV/aids: mobilizações a partir de filmes* (Sales, 2022b) nos anais do 9º Seminário Brasileiro de Estudos Culturais em Educação (SBECE)/6º Seminário Internacional de Estudos Culturais e Educação (SIECE), e também em minha tese de doutorado intitulada de *Educações menores em HIV/aids: o que pode a educação em ciências e biologia em cartografias audiovisuais?* (Sales, 2022c). Estas escritas foram posteriormente revisadas, atualizadas e ampliadas para compor este artigo.

³ A PrEP é a Profilaxia Pré-Exposição ao HIV, e a PEP é a Profilaxia Pós-Exposição ao HIV. Ambas consistem em medicamentos antirretrovirais a serem ingeridos por pessoas soronegativas ao HIV. Estas profilaxias são oferecidas gratuitamente pelo Sistema Único de Saúde do Brasil.

⁴ Sigla para Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais/Travestis, Queer, e o + se referindo às outras tantas possibilidades de existências não rotuladas ainda.

⁵ No texto *Cartografias de vida-e-morte em territórios pandêmicos: marcas-ferida, necro-bio-políticas e linhas de fuga* (Sales & Estevinho, 2021a) são traçadas reflexões entre os agenciamentos e as políticas de vida e de morte que aconteceram na pandemia de covid-19 e as suas aproximações com a de HIV/aids. Defendo que depois da emergência da covid-19, pensar em HIV/aids apresenta-se de maneiras outras, algo discutido também na minha tese de doutorado *Educações menores em HIV/aids: o que pode a educação em ciências e biologia em cartografias audiovisuais?* (Sales, 2022c).

2. Metodologia

Este texto faz parte da minha investigação de doutorado em Educação, realizada no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Uberlândia, dentro da linha de pesquisa Educação em Ciências e Matemática, defendida na forma de uma tese no ano de 2022. Na referida pesquisa, estive atento às produções artístico-culturais tecidas em torno da pandemia de HIV/aids – sobretudo as cinematográficas – e em como estas mobilizam pedagogias que tecem conexões entre ciências, artes e filosofias.

Ao me situar no campo da Educação, direcionei a minha atenção aos modos de aprender com e a partir de filmes (Meyer & Soares, 2005) e às pedagogias do cinema (Migliori & Barroso, 2016) engendradas com/pelas produções audiovisuais. As leituras do campo da filosofia da diferença, sobretudo de autores como Gilles Deleuze, Félix Guattari e Michel Foucault guiaram epistemologicamente os olhares, escritas, experimentações e encontros traçados.

Os conceitos de “menor”, proposto pelos filósofos Deleuze e Guattari (2017), e de “educação menor”, mobilizado pelo educador Sílvio Gallo (2002), têm sido intercessores importantes nestas escritas. A partir das produções articuladas na pesquisa de doutorado, busco agenciar possibilidades de traçar educações menores com elas, na medida em que também coloco-me atento às educações menores por elas engendradas.

Parto do pressuposto de que a educação acontece pelos encontros. Segundo Gallo (2010), só existe educação por meio do contato, dos encontros: a educação é, assim, sempre um empreendimento coletivo:

A educação é, necessariamente, um empreendimento coletivo. Para educar – e para ser educado – é necessário que haja ao menos duas singularidades em contato. Educação é encontro de singularidades. Se quisermos falar espinosamente, há os bons encontros, que aumentam minha potência de pensar e agir – o que o filósofo chama de alegria – e há os maus encontros, que diminuem minha potência de pensar e agir – o que ele chama de tristeza. A educação pode promover encontros alegres e encontros tristes, mas sempre encontros (Gallo, 2010, p. 1).

A partir de tal percepção da educação como encontro de singularidades (Gallo, 2010), inspirado nas pesquisas cartográficas (Rolnik, 2016), tenho investido nas escritas-encontros⁶, uma maneira de pesquisa em educação que acontece a partir das múltiplas possibilidades de se encontrar – com os seres humanos e não humanos, com as coisas, com a escola, com os filmes, com as ciências, e... e... e...⁷ em contágios vividos com o corpo todo, materializados em escrituras.

Suely Rolnik (2016), ao pensar acerca da cartografia, afirma que:

Para os geógrafos, a cartografia – diferente do mapa: representação de um todo estático – é um desenho que acompanha e se faz ao mesmo tempo que os movimentos de transformação da paisagem. Paisagens psicossociais também são cartografáveis. A cartografia, nesse caso, acompanha e se faz ao mesmo tempo que o desmanchamento de certos mundos – sua perda de sentido – e a formação de outros mundos: mundos que se criam para expressar afetos contemporâneos, em relação aos quais os universos vigentes tornaram-se obsoletos (p. 23).

Para este artigo, detive-me em produções audiovisuais e em como estas engendram modos de ver e de se relacionar com a pandemia de HIV/aids. Por meio das escritas mobilizadas nos encontros com os filmes, tive como objetivo cartografar as paisagens neles instauradas, estando atento às pedagogias lá embrionadas, aos modos de aprender e de ensinar com as produções audiovisuais. As cartografias em escritas-encontros aqui agenciadas se debruçam na vazão de afectos que pediam passagem e na criação – pelas palavras e manipulações imagéticas – de mundos possíveis na educação em HIV/aids.

Dentre as múltiplas formas de narrar uma pandemia e as relações humano-vírus, adentrei-me em três filmes e em escritas por mim⁸ realizadas anteriormente, durante o doutoramento. Na seção seguinte, trago escritas-encontros advindas dos contatos com os filmes e do processo de revisitar linhas traçadas a partir de nossos encontros passados. Em seguida, teço outros atravessamentos por meio da manipulação digital de imagens misturadas com palavras grafadas em papel, mesclando-as na medida em que rizomei as experiências audiovisuais com as minhas, enquanto entrava em devires. Tais produções – escritas e imagéticas –, engendradas pelo encontro com os filmes, buscam evidenciar maneiras de aprender com e pelos filmes, atentas às educações menores em HIV/aids – e ciências e biologia e saúde e... – com eles possíveis.

⁶ Outro trabalho em que investi nas escritas-encontros com produções em torno da pandemia de HIV/aids é *“The Aids Memorial”: histórias de amor, perdas e lembranças em pedagogias de afetos* (Sales & Carvalho, 2021).

⁷ Inspirado no conceito de rizoma, de Deleuze e Guattari (2019).

⁸ Dizer que as escritas foram por mim realizadas não é dizer que foram realizadas apenas por mim. A autoria destas e das outras linhas que teço são coletivas, contagiadas por múltiplas outras vidas humanas e não humanas que comigo compartilham os territórios de vida, de pesquisa e de educação.

3. Cartografias em escritas-encontros

Com o objetivo de tensionar/tencionar a educação em HIV/aids e encontrar pistas de uma educação menor – ou, quiçá, múltiplas educações menores possíveis –, neste trabalho apresento um diálogo com os seguintes filmes: *120 Batimentos por Minuto* (2017), *Cartas para além dos muros* (2019) e *Como sobreviver a uma praga* (2012). O meu encontro com estas narrativas audiovisuais ocorreu no ano de 2020, durante o período de isolamento em decorrência da emergência da pandemia de covid-19 – também o momento em que realizava o meu doutoramento em Educação –, através de derivas pelas redes sociais ao acompanhar pessoas que produziam e compartilhavam conteúdos sobre HIV/aids.

Percebi que em cada uma das produções audiovisuais que se debruçaram em torno da pandemia de HIV/aids residiam pedagogias traçadas pelas narrativas imagéticas e sonoras. As paisagens nelas engendradas, sobretudo se remetendo aos acontecimentos das décadas de 1980 e 1990 de tal emergência pandêmica, transbordavam em tempos outros, chegando aos cenários atuais que permeiam as vidas atravessadas pelo HIV e pela aids. Assim, a seguir mobilizo três subseções, sendo cada uma delas animada pelas escritas-encontros advindas do contato com uma das produções audiovisuais.

3.1. 120 Batimentos por Minutos

O filme *120 Batimentos por Minuto* (*120 Battements par Minute*, 2017) foi dirigido pelo cineasta marroquino Robin Campillo e lançado em 2017. As cartografias engendradas nas escritas-encontros inicialmente produzidas foram publicadas no artigo *120 Batimentos por Minuto: educações, currículos e o que pode um filme nos afetar em relação ao HIV/aids?* (Sales, 2021a) no dossiê *Sexualidades, Currículo e Cinema*, na *Revista Diversidade e Educação*.

As narrativas audiovisuais se passam na França, sobretudo em Paris, na década de 1990, período de grande terror em torno da pandemia de HIV/aids. Até os tempos atuais, percebo que muitos dos resquícios morais e estigmatizantes que circundavam o vírus e os processos de adoecimento por ele possivelmente desencadeados naqueles anos iniciais da emergência viral seguem em curso. Encontrar com produções contemporâneas de momentos outros do passado da pandemia movimenta possibilidades de vislumbrar quais imagens permanecem pulsando nos anos 2020, e que cartografias são traçadas a partir delas.

Em *120 Batimentos por Minuto* (2017), personagens militantes do Coletivo ACT UP, sobretudo pessoas LGBTQ+, enfrentam laboratórios científicos e instituições estatais, articulando-se pela defesa do direito à saúde e aos tratamentos possíveis à aids e às infecções oportunistas. Para além das lutas por medicamentos e possibilidades terapêuticas biomédicas, os sujeitos presentes nas cenas dos filmes exigem que sejam reconhecidos como vivos na medida em que assim se afirmam, fugindo da morte civil que Herbert Daniel (Daniel & Parker, 2018) desde os anos iniciais de tal emergência pandêmica denunciava.

Os personagens pulsam, demandam vida, supitam, proliferam, expandem e se contagiam com a vida que neles vibra.

O vírus e a aids também estão presentes no filme como personagens, compartilhando e compondo as cenas com humanos e não humanos em potências multiespécies (Tsing, 2019), em devir-com (Haraway, 2022) os vírus. O desejo salta aos corpos, mesmo nos adoecidos e próximos à morte, em cenas que se tecem como manifestos pela vida, pelo prazer e pelo tesão, na força coletiva, em matilha, no contágio afectivo que atravessa e é vivido nos encontros.

No filme, enquanto há vida, também há movimento, desejo, força e potência. Nele, não se deixa que o estigma cerceie o tesão. Não se nega a dimensão de sofrimento relacionado à infecção, adoecimento e morte, mas permite-se acolhimentos e lutas em bandos, em matilha. O filme não nega a dor, mas possibilita com ela a instauração de refúgios. Em climas festivos e vibrantes, da luta ao luto, a produção audiovisual não deixa que o estigma mate o tesão e o desejo de vida. Assim, em suas cenas instauram-se pedagogias, traçam-se currículos de vida, desarticulando estigmas e consolidando perspectivas de potências do desejo, de devires, de resistência em defesa do tesão e da multiplicidade. Em devir-lobo (DELEUZE; GUATTARI, 2011), os personagens caminham em direções de vida, até ao se relacionarem com sua morte e de outras pessoas. Assim, mesmo que dentro de um filme advindo de espaços maiores da produção cinematográfica europeia, são engendradas pedagogias e currículos em movimentos-resistências pelos territórios menores de uma educação e um cinema (Sales, 2021a, p. 301).

3.2. Carta para além dos muros

Das narrativas tecidas na França nos anos 1990, direciono-me aos trajetos audiovisuais que aconteceram no Brasil nas últimas décadas de pandemia de HIV/aids. O filme mobilizador das escritas nesta seção é o documentário *Carta para além dos muros* (2019), dirigido pelo cineasta brasileiro André Canto. As cartografias tecidas com os trajetos audiovisuais foram instigadas inicialmente no artigo *Carta para além dos muros biológicos: pistas*

de uma biologia menor e afetos possíveis com um documentário sobre HIV/aids, escrito em parceria com a minha orientadora de doutorado, Lúcia Estevinho (Sales & Estevinho, 2021b). O texto foi publicado na *Revista Brasileira de Ensino de Biologia*, no dossiê inédito *Gênero, Sexualidade e Ensino de Biologia: entre práticas, políticas e resistências*.

Carta para além dos muros (2019) tece narrativas audiovisuais em torno da história da pandemia de HIV/aids no Brasil, conectando-a com acontecimentos globais e narrativas de outros territórios. O seu título é inspirado nas cartas para além dos muros escritas por Caio Fernando Abreu, publicadas no livro *Pequenas Epifanias* (2014), organizado após a morte do autor. Caio Abreu relata nas cartas, entre poéticas e mistérios, os processos em torno da sua vivência com HIV. A partir de tal interlocução, o filme tece paralelos com a vida de Caio, um personagem recém diagnosticado como um corpo infectado pelo vírus.

Diferentes narrativas vão se trançando: a de Caio Abreu, a do personagem Caio recém diagnosticado, a de tantos outros sujeitos que atuaram na história do HIV e da aids no Brasil e no mundo, seguindo na luta até os tempos atuais. Tive um olhar atento, inicialmente, às possibilidades de aproximar tais afecções filmicas com a educação em ciências e biologia, meu território de formação inicial e o qual sempre acabo retornando e (re)afirmando.

Percebi que o filme tece múltiplas narrativas de vidas permeadas pela pandemia de HIV/aids, não centrando-se na perspectiva única do sofrimento e da morte – por mais que ela também seja real e esteja presente em muitos momentos –, mas da luta, do desejo, da força coletiva. Dessa forma, engendra educações menores em HIV/aids, ressoando em diferentes maneiras de narrar, experienciar e modular uma pandemia, para além dos já saturados discursos biomédicos higienistas e estigmatizantes.

Encantar-se pelas frestas que se abrem. Manter-se aberto e atento a tudo que chega. Talvez seja nas brechas que um encontro entre corpos forja que exista a potência de afetar-se: corpos-cinema, corpos-aula, corpos-biologia, corpos-educação, corpos-literatura, corpos-e... quem sabe, nestes encontros-fêrteis seja possível fecundar vidas. Talvez seja infectando a biologia maior, contaminando os campos científico-duros com perspectivas outras, filosóficas, sociológicas, artísticas, antropológicas, em movimentos que causem estranhamento e atritos, que encontremos força para saltar ou rachar os muros maiores. Nestes encontros-menores, abrir-se para a diferença, pensar em perspectivas outras de saúde, e educação, e biologia, e literatura, e cinema, e... viralizar pelos territórios possíveis. (Sales & Estevinho, 2021b, p. 309).

3.3. Como sobreviver a uma praga

O terceiro e último filme mobilizado neste texto é *Como sobreviver a uma praga* (*How to survive a plague*, 2012), documentário estadunidense dirigido por David France, cujo título pode ser traduzido para *Como sobreviver a uma praga*. Assim como *120 Batimentos por Minuto* (2019), *Como sobreviver a uma praga* (2012) se passa sobretudo nos anos iniciais da pandemia de HIV/aids, retratando movimentos do Coletivo ACT UP, sobretudo na cidade de Nova Iorque.

As escritas-encontros inicialmente traçadas a partir do filme foram publicadas na *Revista Bagoas – Estudos Gays: Gênero e Sexualidade*, com o título *Os ventos do norte também podem mover moinhos? “Como sobreviver a uma praga” e respostas à epidemia de HIV/aids* (Sales, 2021b). Nestas escrituras, busquei mobilizar as narrativas filmicas e suas pedagogias na procura de uma educação menor em HIV/aids, infectada também por teorias decoloniais e pelos estudos do Sul⁹.

A interlocução teórico-epistemológica entre filosofias da diferença e os estudos do Sul ocorreu a partir do desejo de encontrar – e criar – conexões entre as narrativas audiovisuais advindas geograficamente do Norte global com transbordamentos do Sul. Para tal, percebi que, mesmo localizando sobretudo nos Estados Unidos, os personagens lá presentes são corpos-do-Sul, historicamente estigmatizados, lutando pelas suas vidas, enfrentando descasos estatais e negligências biomédico-mercado-lógicas.

Registros de protestos nas décadas de 1980 e 1990 são articulados com falas e informações em torno do HIV e da aids, na construção de narrativas de luta e de resistência. Enquanto as cenas acontecem e se movimentam, dados estatísticos atualizam os espectadores acerca do número de mortos pela aids ao longo do tempo. Grande parte dos personagens que aparecem ao longo do filme morrem durante o período de gravação daquelas imagens.

A morte é personagem no filme, assim como o luto e a luta. Tais dimensões – da luta e do enlutar-se – tecem-se em conexões viscerais. A educação menor imbricada nas narrativas audiovisuais impulsiona a luta, o desejo de permanecer vivo e a solidariedade – mobilização tão importante nos movimentos sociais de HIV/aids.

Busquei, a partir do filme, encontrar inspirações nos ventos do Norte que pudessem chegar ao Sul e mobilizar formas de lutas, de resistência e de ensaiar modos outros de narrar – e de habitar – a pandemia de HIV/aids, com os múltiplos impactos e afecções possíveis a partir dela.

⁹ Ao falar em Sul e Norte global, inspiro-me nas escritas de Boaventura de Sousa Santos. Segundo o autor, “o Sul não designa um espaço geográfico. Designa um espaço-tempo político, social e cultural” (Santos, 2020, p. 15).

Se perder das linhas duras que ditam caminhos certos em direções prontas, escolhidas, acabadas, na (des) construção de uma liberdade-emancipatória-descolonizante que possibilite criar mundos outros pelo Sul, para o Sul, por-e-para os corpos dissidentes que tanto morreram e ainda morrem *day after day*, dia após dia. Já que o “o rosto, o corpo, a pele, a língua, atributos ditos humanos, não bastam para assegurar o direito à vida” (BENTO, 2018, p. 14), nos resta gritar. Ventar com gritos que acabem com os silêncios que ainda restam e insistem em invisibilizar tantas vidas e deixar morrer tantas pessoas, na potência de pensar e criar mundos outros e outros e outros... (Sales, 2021b, p. 278).

4. Criando narrativas outras

Como infectar a educação – em ciências, em biologia, em saúde, e... – com a potência que habita nestes filmes? De quais formas podemos mobilizá-las nas salas de aula, nos museus, na divulgação científica, nas reflexões em torno das relações humano-vírus? As conexões entre ciências, artes e filosofias se materializam nestas escritas, nas imbricações autorais, nos ensaios de formas outras de se relacionar com a pandemia de HIV/aids – permeadas também pelas vivências da pandemia de covid-19 – a partir das afecções advindas dos encontros com os filmes. Pelas narrativas imagético-sonoras é possível aprender. Com elas, carregamos a potência de educar. Elas, ao nos afetarem, também nos ensinam e nós podemos, junto delas e a partir delas, nos movimentar, mudar, friccionar o que trazemos de percepções antigas, modificando-as.

Com os filmes, é possível encontrar, experimentar e criar outras formas de nos relacionarmos com os vírus, com os desvios às normas, com as dissidências e minorias (Deleuze, 2013) que existem e que nós também somos, com as questões menores (Deleuze & Guattari, 2017), com as múltiplas formas de vida. Todas estas dimensões habitam nas escolas, nas salas de aula, nos museus, nos parques, nos cinemas, nas ruas, nas casas. Estão nas capitais e no interior, nas zonas centrais e nas periferias, nos países do Sul e do Norte global, nas diferentes existências que habitam variados espaços e tempos. O HIV está nos corpos humanos, tanto como materialidade biológica quanto como discursos e práticas, nas moralidades, nos racismos (Foucault, 2005), nas práticas assépticas, nas palavras cortantes, na plastificação do desejo, na produção de formas aceitáveis de prazer, atravessado por diferentes dispositivos (Foucault, 2019). A aids, tanto a nível enunciativo quanto adoecimento, convive conosco – ainda, sim! –, faz morada em nós, em nossos dizeres e fazeres, na nossa sociedade, em nossas vidas, sendo também por nós produzida e atualizada: ela está aqui, não está distante.

Os encontros e atritos entre corpos desejosos podem continuar acontecendo. Na verdade, mais do que possíveis, eles são necessários para seguirem movimentando as engrenagens capitalistas em indústrias como as ligadas à procriação humana e à pornografia¹⁰, por exemplo. Mas as ciências nos dizem: é preciso cuidado. Nesta afirmação, movimentam-se ensinagens que nos ditam, dentre outras, as seguintes questões: *use camisinha e máscaras! Tome remédios, mais e mais! Distancie-se de alguns! Escolha bem com quem e com quantos se relacionar! Se vacine!*

Ao problematizar estas narrativas científico-biomédicas não pretendo coadunar com discursos que negam os saberes historicamente produzidos nas ciências e, muito menos, dizer que o uso de preservativos, proteções faciais, medicamentos e imunizantes seja “errado” ou “ruim”. Defendo que tais produções podem e necessitam ser utilizadas para a garantia da saúde, da potência de vida e dos bons encontros. Os conhecimentos deveriam ser mobilizados pela e para a nossa existência em sua força e vivacidade, e não a serviço do mercado neoliberal. Assim, busco aqui problematizar os dispositivos biomédicos tecidos em torno do corpo, dos encontros, dos desejos, dos prazeres, juntamente dos discursos e das práticas produzidos a partir deles, como, por exemplo, na própria produção do que se entende por sexo, na manutenção da monogamia e da família heterossexual, questões densamente investidas na educação em ciências e biologia. O cinema apresenta-se, assim, como (contra)dispositivo potente para a criação de pedagogias outras do corpo, da saúde e da vida em meio à pandemia de HIV/aids.

E a nós, educadores – em ciências, em biologia, em saúde, e... –, professores, formadores, o que nos é cobrado pela sociedade, pela direção escolar, pelos órgãos gestores, pelas grades curriculares? O que temos ensinado? De que forma temos mobilizado os conhecimentos científicos em nossas ensinagens? O que podemos fazer com e a partir do que temos feito? Estaríamos em uma terra arrasada ou ainda há algo a se criar? O que nos resta? O que podemos? Como nos articula(r)mos com tais questões em torno da pandemia de HIV/aids? De que maneiras podemos aprender com a força dos movimentos sociais em HIV/aids para imbricarmos-nos em educações menores em ciências, em biologia, em saúde e... e... e... em HIV/aids? Poderíamos nos infectar

¹⁰ Paul B. Preciado (2018), em *Testo Junkie: Sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica* traça interessantes e importantes mobilizações em torno do sistema farmacopornográfico que permeia e movimenta o capitalismo contemporâneo. Neste livro, o filósofo tece percepções acerca de como a reprodução humana e a produção de dispositivos em torno do gênero e da sexualidade são necessários ao capitalismo: sem eles, nada nestes moldes existiria. Já Rolnik (2018) em *Esferas da insurreição: notas para uma vida não cafetinada* disserta acerca da necessidade vital da cafetinagem de nossos desejos para movimentar o neoliberal sistema colonial capitalístico. A educação em ciências e biologia, em seus discursos e práticas, tem atuado junto destas engrenagens e dispositivos pontuados por ambas as autorias.

com a potente promiscuidade rizomática que acontece a partir do habitar múltiplos territórios de pensamento, desejo e vida, mobilizando-a em nossas práticas educativas e de pesquisa?

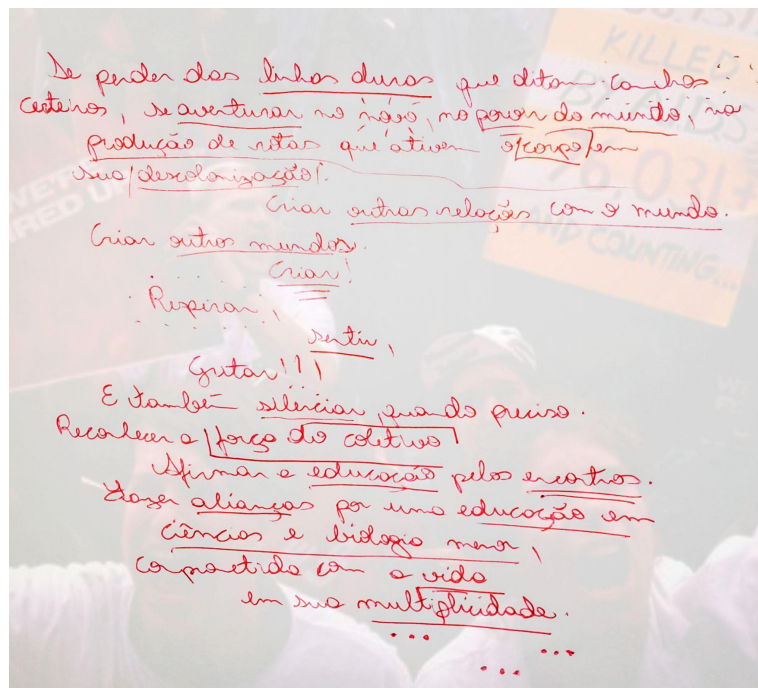
Néstor Perlongher (1987), desde os primórdios da emergência da pandemia de HIV/aids, nos dá importantes pistas para pensar nestas questões:

Seria preciso, talvez, conceber uma política sexual diferente, que não desconhecêsse a multiplicidade dos desejos eróticos nem tentasse disciplinar pedagogicamente os perversos e seus prazeres. Trata-se de oferecer a melhor informação possível, mas afirmando simultaneamente o direito de dispor do próprio corpo e da própria vida [...]. A vida não se mede apenas como quer a instituição médica, em termos de prolongação da sobrevivida (ou da agonia), mas também em intensidade de gozo. A dimensão do desejo não deveria ser negligenciada, se é que se trata de salvar a vida. (Perlongher, 1987, pp. 91-92)

Invisto, assim, na possibilidade de infectar a educação – em ciências, em biologia, em saúde, e... – com a força do desejo, com a potência do prazer, com a vazão do gozo que evidencia a dimensão transbordante da vida. Como gesto singelo de um jovem e sonhador professor de ciências e biologia, de um pesquisador que se compromete com uma educação que se faça a partir dos encontros, com a força do coletivo, busquei, mais uma vez, colocar-me no exercício de experimentar com os filmes, com as escritas e com as imagens, criando cartografias outras. Para tal, revisei algumas de suas fotografias por mim registradas, também os últimos parágrafos na íntegra dos artigos já publicados que são apresentados juntamente das escritas-encontros da seção anterior. Depois, escrevi com tinta vermelha, em folhas de papel, o que senti seguir vibrando em cada um daqueles finais dos textos, sobrepondo em um registro de um dos filmes, embaralhando-os e gerando as imagens mescladas que se seguem.

5. Mesclando imagens

Imagem 1 – Outras linhas



Legenda: Manipulação digital do autor, sobrepondo escritas em papel com fotografia do filme.

Fonte: *Como sobreviver a uma praga* (2012) e acervo do autor.

Ver as linhas duras que marcaram a minha longa formação docente durante toda uma escolarização que seguiu na graduação-mestrado-doutorado, reconhecê-las e, a partir disso, buscar caminhos outros que somem, que multipliquem. Investir nas linhas de fuga (Deleuze & Guattari, 2019; Rodríguez-Blanco & Zurian, 2022)¹¹,

¹¹ Uma interessante perspectiva para refletir nos transbordamentos das linhas de fuga no que diz respeito às dissidências de gênero e de sexualidade, como aqui pensado nas questões que perpassam a pandemia de HIV/aids e as tantas pessoas por ela afetadas, é o trabalho de Sergio Rodríguez-Blanco e Francisco Zurian (2022). Os autores, ao pensarem nas fugas de/desde o *queer* na Iberoamérica, apontam “las fugas de/desde lo cuir para diseñar horizontes de sentido y, sobre todo, vías de fuga que se emplacen como disensos a horizontes que tienden a ser únicos y a hacer confluír a todas las personas en el intento de normalizarlas como vía de acceso al reconocimiento, pero desactivando políticamente su potencialidad crítica. Por ello,

Nesta abertura à diferença, perceber os possíveis (Deleuze, 2013) que se abrem para infectarmos currículos. Estar poroso às pedagogias que se produzem em espaços diversos, como nos aplicativos de encontros, nas redes sociais e nos filmes. Perceber o medo que circunda a pandemia de HIV/aids, seja pelo desconhecimento de suas mudanças, seja pelo reconhecimento da seriedade da infecção, da possibilidade de morte, ou pelo estigma que insiste em se atualizar nas táticas de rotular certas vidas soropositivas ao HIV, marcadas por diagnósticos biomédicos, como contaminadas, sujas, inferiores e não dignas do gozo e da existência em potência.

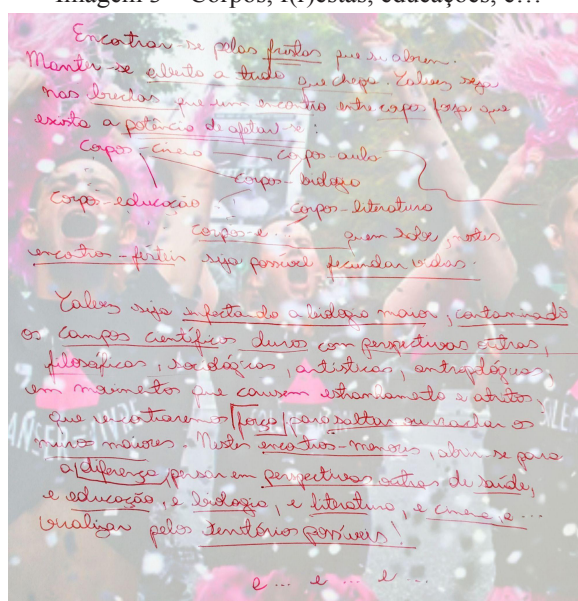
Buscar os possíveis para lidar com a dor e com a morte que nos acompanham dentro e fora das salas de aula, dentro e fora dos ambientes hospitalares, dentro e fora de nossas casas, dentro e fora de nossos corpos: a dor de estar vivo, de acordar, de nos mexer, de sair dos casulos, de mudar, de ter atritos, de lutar para modificar algo que não acreditamos e que para nós não faz sentido, de mutarmo-nos, como trocar os dentes de leite, atuar na militância ou finalizar uma pós-graduação, feito uma cigarra depois de um longo período submersa na terra sugando a seiva vegetal, ao sair do subsolo, em sua belíssima metamorfose¹³, deixando dolorosamente as cascas, a pele que não serve mais, ganhando asas e indo cantar ao mundo, mesmo que brevemente; as mortes e os lutos a ela associados que marcam e instituem justamente a vida, que anunciam a mudança, que fissuram o estabelecido e agenciam devires, que nos permitem renascer, sermos outros, transformar¹⁴. Múltiplas potências fazem morada nestas relações com o corpo, com a vida, com a morte, com a deriva e com o mundo.

Também é importante, como ensina Suely Rolnik (2018, p. 196) em suas *sugestões para uma contínua descolonização do inconsciente*, não aceitar o inaceitável, “não ceder à vontade de conservação das formas de existência e à pressão que esta exerce contra a vontade de potência da vida em seu impulso de produção de diferença”, não tolerar o intolerável,

Não abrir mão do desejo em sua ética de afirmação da vida, o que implica mantê-la o mais possível fecunda a cada momento, fluindo em seu processo ilimitado de diferenciação de formas e valores; não negociar o inegociável: tudo aquilo que obstaculiza a afirmação da vida, em sua essência de potência de criação. Aprender a distingui-lo do negociável: tudo aquilo que se poderia aceitar e reajustar porque não debilita a força vital instituinte, mas, ao contrário, gera as condições objetivas para que se produza um acontecimento, cumprindo-se assim seu destino ético; praticar o pensamento em sua plena função: indissociavelmente ética, estética, política, crítica e clínica. Isto é, reimaginar o mundo em cada gesto, palavra, relação com o outro (humano e não humano), modo de existir – toda vez que a vida assim exigir. (Rolnik, 2018, pp. 196-197)

Juntamente disso, não cair de amores pelo poder (Foucault, 2010). Reconhecer os microfascismos que habitam em nós e, a partir de tal atenção direcionada, investir em mudanças possíveis. Colocar-se ativamente na afirmação, com a educação, da potência da vida.

Imagem 3 – Corpos, f(r)estas, educações, e...



Legenda: Manipulação digital do autor, sobrepondo escritas em papel com fotografia do filme.

Fonte: *120 Batimentos por Minuto* (2017) e acervo do autor.

¹³ Inspirado no livro *Metamorfoses*, do filósofo italiano Emanuele Coccia (2020).

¹⁴ Três cartografias que invisto na potência da mudança e transformação da vida em diferentes situações são: *Cartografias do cerrado: devires, marcas e forrageios em processos de pesquisa-trans-formação de um biólogo* (Sales, 2020); *Entre vazios e cheios: cartografias da anorexia* (Sales, 2022e); *Cartografias de vida-e-morte em territórios pandêmicos: marcas-ferida, necro-bio-políticas e linhas de fuga* (Sales & Estevinho, 2021a).

Cavucar um território, abrir espaços, encontrar frestas e, quando não achá-las, movimentar-se para criá-las. Dentro do possível, sempre. Criar f(r)estas possíveis. Nas salas de aula, nas nossas ensinagens, nas nossas práticas militantes, na alegria dos nossos bons encontros. Manter o nosso corpo vibrátil (Rolnik, 2016) poroso ao que nos chega, ao que lemos, ao que vemos, ao que ouvimos: ao que nos afeta. Ter atenção ao que nos atravessa, ao que se esbarra conosco em nossos caminhos. Nos deliciar com o que assistimos, criar relações com o que sentimos. Mobilizar imagens e sons na educação e, – por que não? – na escolarização, ver a força que eles carregam de nos ensinar, de com eles aprender.

Investir na criação de relações outras com os vírus na educação – em ciências, em biologia, em saúde, e... – é tecer alianças com perspectivas para além dos discursos e práticas biomédicos, como mobiliza Coccia (2020) em suas reflexões acerca da metamorfose que produz a vida:

Poderíamos dizer que o vírus é a força que permite a cada corpo desenvolver sua própria forma, como se ele existisse desencarnado do corpo, libertado, flutuando – a pura potência da metamorfose. Eis o que é o porvir, uma força de desenvolvimento e reprodução da vida que não nos pertence, que não é propriedade exclusiva de um indivíduo, nem mesmo comum e compartilhada, mas sim uma potência flutuante na superfície de todos os outros corpos. Precisamente porque ela é livre, essa força circula de corpo em corpo. Ela está ao dispor de todos, suscetível de ser apropriada por cada um dentre eles. Mas, assim como apropriar-se de um vírus significa contaminar-se, transformar-se, metamorfosear-se, apropriar-se do futuro significa expor-se a uma mudança irreparável. (Coccia, 2020, p. 209)

No vírus habita a potência do porvir, da mudança, da metamorfose (Coccia, 2020). Com eles, em devir-com (Haraway, 2022) os vírus, é possível infectar diferentes campos, como a educação em ciências e biologia maior, já que “o pensamento se dá sempre por contágio, a educação também, nossa micropolítica fecunda é contagiosa, a revolta e as dissidências são contagiosas...” (Diaz, 2020, p. 171). Assim, é possível fissurar a educação maior. De dentro dela: no Estado, nas empresas, nas escolas, nas universidades, nas ruas, nos laboratórios – também nos corpos? Ocupar, fazer morada sem perder a força do devir-nômade. Fazer alianças: múltiplas conexões! Rizomar com as filosofias, as artes, as ciências. Devir-com: ver a minoria que todos somos, cada um à sua maneira. Atentar-se às potências minoritárias, reconhecer a força de uma educação menor. Fissurar as moralidades, colocar-nos abertos às experimentações.

6. Considerações finais

Nas cenas dos filmes aqui mobilizadas habita constantemente a tensão entre desejo e medo, vida e morte, saúde e doença. Linhas de fuga (Deleuze & Guattari, 2019; Rodríguez-Blanco & Zurian, 2022) são nelas embrionadas, mesmo quando parece não haver saída. É a partir destes germes de mundos possíveis que mobilizei as escritas e experimentações imagéticas que compõem e pulsam neste texto. Por meio dos filmes percebo possibilidades de mobilizar educações menores em HIV/aids, fugindo dos discursos biomédicos, incidindo fraturas nas imagens moralistas e estigmatizantes em torno das relações humano-vírus, do corpo e da sexualidade. Percebo que as narrativas audiovisuais traçam pedagogias do desejo, da luta pela vida, da força que habita no coletivo, e que junto delas é possível muito criar.

Nas produções fílmicas habitam as possibilidades de engendrar educações menores que confrontem os dispositivos (Foucault, 2013) imbricados em torno do corpo, sobretudo a aids como um dispositivo (Perlongher, 1987; Sales, 2022a). As imagens e sons, ao inserirem o cinema como um (contra)dispositivo que atua como outra via de conhecimento, mobilizam tais fissuras, agenciam formas outras de narrar uma pandemia. Percebo e afirmo, assim, através deste percurso de contágio, sensibilização e criação com os filmes, que resta-nos a contínua tarefa de cultivarmos a aprendizagem de estarmos à escuta das afecções possíveis a partir de tais encontros, e de articularmos possibilidades de usar tais produções em nossos cotidianos e práticas educativas, de criar modos outros de nos educarmos com e a partir dos trajetos audiovisuais.

Ao mobilizarmos as questões em torno do HIV, da aids e da educação, os caminhos não estão prontos, demandam serem construídos, no enfrentamento do estigma, dos dispositivos médicos, do preconceito, das linhas que descarrilham em mortes, das tensões que cerceiam o desejo. São “tempos difíceis, mas não impossíveis” (Gallo, 2019). E é preciso seguir, organizando encontros, articulando educações menores e nos movimentando, na força do coletivo.

Assim, eis a tarefa de reconhecer os riscos e as potências de estarmos vivos, sem cair no perigo maior de perder a alegria de viver, visto que, como já nos ensinou Perlongher (1987, p. 92), “Seria paradoxal que o medo da morte nos fizesse perder o gosto da vida”. Para tal empreitada, demanda-nos uma coragem de estar vivo, de dizer a verdade, de cuidar de nós e dos outros, de afirmar a educação, de lutar por territórios abertos à multiplicidade.

Uma pista sobre como mobilizar estas múltiplas educações menores nos foi dado por Fernand Deligny (2018, p. 114) em *Os vagabundos eficazes*: “O que queremos para esses moleques é ensiná-los a viver, não a

morrer”. Resta-nos investir em uma educação em HIV/aids – e ciências e biologia e saúde e... – que ensine a viver mais, a desejar mais, a perceber mais o mundo, a dar mais vazão aos afetos, atenta aos bons encontros, fugindo do que rouba-nos a alegria. Para tal proposta afirmativa da vida, necessita-se de uma relação educativa que não destrói e corrói as existências, ao contrário, uma relação de composição, desterritorialização, devir, feito a potência viral infectiva e afectiva que adentra os espaços, não causando a doença, e sim a saúde da mudança, da metamorfose, da abertura à mutação, ao porvir.

7. Referências

- Abreu, C. F. (2014). *Pequenas Epifanias*. 4. ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira.
- Bocchetti, A. (2022). Corpos, silêncios e disciplinas: sobre modos de confinamento e suas educações possíveis. *Pro-Posições*, 33(1).
- Butturi Júnior, A. & Lara, C. A. (2018). As narrativas de si e a produção da memória do hiv na campanha O cartaz HIV positivo. *Linguagem em (Dis)curso – LemD*, 18(2), 393–411.
- Butturi Júnior, A. (2019). O HIV, o ciborgue, o tecnobiodiscursivo. *Trabalhos Em Linguística Aplicada*, 58(2), 637–657.
- Carta para além dos muros – HIV e aids no Brasil. (2019). Produção de André Canto. Roteiro: André Canto, Gabriel Estrela, Gustavo Menezes, Ricardo Farias.
- Coccia, E. (2020). *Metamorfozes*. Desenhos de Luiz Zerbini, tradução de Madeleine Deschamps e Victoria Mouawad. 1ª ed. Rio de Janeiro. Dantes Editora.
- Cohen, M. S.; Chen, Y. Q.; McCaulley, M. et al. (2016). Antiretroviral Therapy for the Prevention of HIV-1 Transmission [online]. *New England Journal of Medicine*, 375(1), 830-839.
- Daniel, H. & Parker, R. (2018). *AIDS: A TERCEIRA EPIDEMIA: ensaios e tentativas*. 2. ed. Rio de Janeiro: ABIA – Associação Brasileira Interdisciplinar de AIDS.
- Deleuze, G. (2013). *Conversações*. Tradução de Peter Pál Pelbart. 3ª ed. São Paulo: Ed. 34.
- Deleuze, G. & Guattari, F. (2017). *KAFKA: por uma literatura menor*. Editora Autêntica.
- Deleuze, G. & Guattari, F. (2019). *Mil platôs: Capitalismo e esquizofrenia*. Vol. I. 2. ed. Ed. 34.
- Deligny, F. (2018). *Os vagabundos eficazes: operários, artistas, revolucionários – educadores*. N-1 edições.
- Diaz, S. (2020). Contra-pedagogia do contágio. *Ecós: Estudos Contemporâneos da Subjetividade*, 10(2), 169-172.
- Foucault, M. (2005). *Em defesa da sociedade*. Tradução de Maria Ermantina de Almeida Prado Galvão. Editora Martins Fontes.
- Foucault, M. (2013). *História da Sexualidade I: a vontade de saber*. 23. ed. Editora Graal.
- Foucault, M. (2019). *Microfísica do Poder*. Organização e tradução de Roberto Machado. 10 ed. Paz & Terra.
- Foucault, M. (2010). *Repensar a Política. Ditos & Escritos VI*. Editora Forense.
- Gallo, S. (2002). EM TORNO DE UMA EDUCAÇÃO MENOR. *Educação & Realidade*, 27(2), 169-178.
- Gallo, S. (2010). Eu, o outro e tantos outros: educação, alteridade e filosofia da diferença. In: Regina Leite Garcia. (Org.). *Diálogos Cotidianos*. 1ed. Petrópolis: DP et alii, 231-246.
- Gallo, S. (2019). “Tempos difíceis, mas não impossíveis”. *Pro-Posições*, 30(1), 1-5.
- Haraway, D. (2022). *Quando as espécies se encontram*, Ubu Editora.
- Como sobreviver a uma praga (2012). Direção: David France. Produção: Howard Gertler; David France. Estados Unidos: Public Square Films.
- Jardim, E. (2019). *A doença e o tempo: aids, uma história de todos nós*. Bazar do Tempo.
- Lispector, C. (1973). *Água Viva*. Rocco.
- Lispector, C. (2019). *Uma aprendizagem ou O livro dos prazeres*. Rocco.
- Meyer, D. E. & Soares, R. F. (2005). Modos de ver e de se movimentar pelos “caminhos” da pesquisa pós-estruturalista em Educação: o que podemos aprender com –e a partir de –um filme. In: Costa, M. V. & Bujes, M. I. E. (org.). *Caminhos investigativos III: riscos e possibilidades de pesquisar nas fronteiras*. DP&A, 23-44.
- Migliorin, C. & Barroso, E. I. (2016). Pedagogias do cinema: montagem. *Significação: Revista de Cultura Audiovisual*, 44(46), 15-28.
- Perlongher, N. (1987). *O QUE É AIDS*. 2. ed. Editora Brasiliense.
- Preciado, P. B. (2018). *Testo Junkie: sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica*. N-1 edições.
- Rodger, A. J., Cambiano, V., Bruun, T., et al. (2019). PARTNER Study Group. Risk of HIV transmission through condomless sex in serodifferent gay couples with the HIV-positive partner taking suppressive antiretroviral therapy (PARTNER): final results of a multicentre, prospective, observational study. *Lancet*. 393(10189), 2428-2438.
- Rodger, A. J.; Cambiano, V.; Bruun, T. et al. Sexual Activity Without Condoms and Risk of HIV Transmission in Serodifferent Couples When the HIV Positive Partner Is Using Suppressive Antiretroviral Therapy [online]. *JAMA*, 316(2), 171-178.
- Rodríguez-Blanco, S., & Zurian, F. A. (2022). Fugas de/desde lo queer en Iberoamérica: estéticas, narrativas e imaginación política de la disidencia sexogenérica. *Confluente. Rivista Di Studi Iberoamericani*, 14(2), 1–6. <https://doi.org/10.6092/issn.2036-0967/15954>
- Rolnik, S. (2016). *Cartografia Sentimental: transformações contemporâneas do desejo*. Editora Sulina.

- Rolnik, S. (2018). *Esferas da insurreição: notas para uma vida não cafetinada*. 2. ed. N-1 Edições.
- Sales, T. A. (2020). Cartografias do cerrado: devires, marcas e forrageios em processos de pesquisa-trans-formação de um biólogo. *Revista de Ensino de Biologia da SBEnBio*, 13(2), 466–482. <https://doi.org/10.46667/renbio.v13i2.358>
- Sales, T. A. (2021a). 120 Batimentos por Minuto: educações, currículos e o que pode um filme nos afetar em relação ao HIV/aids?. *Diversidade & Educação*, 9(1), 272–304. <https://doi.org/10.14295/de.v9i1.12959>.
- Sales, T. A. (2021b). Os ventos do Norte também podem mover moinhos? “Como sobreviver a uma praga” e respostas à epidemia de HIV/aids. *Bagoas – Estudos Gays: Gêneros e Sexualidades*, 14(22).
- Sales, T. A. (2022a). A aids como dispositivo: linhas, te(n)sões e educações entre vida-morte-saúde-doença. *Pro-Posições*, 33(1), 1-28. <https://doi.org/10.1590/1980-6248-2021-0073>
- Sales, T. A. (2022b). Pistas de uma educação menor em HIV/aids: mobilizações a partir de filmes. *Anais: 9º Seminário Brasileiro de Estudos Culturais em Educação (SBECE)/6º Seminário Internacional de Estudos Culturais e Educação (SIECE)*.
- Sales, T. A. (2022c). *Educações menores em HIV/aids: o que pode a educação em ciências e biologia em cartografias audiovisuais?* Tese (Doutorado) – Curso de Doutorado em Educação, Universidade Federal de Uberlândia. <http://doi.org/10.14393/ufu.te.2022.468>
- Sales, T. A. (2022d). AIDS as an apparatus: lines, tensions and educations between life, death, health and disease. *Pro-Posições*, 33(1), 1-28. <https://doi.org/10.1590/1980-6248-2021-0073>
- Sales, T. A. (2022e). Entre vazios e cheios: cartografias da anorexia. *ECOS: estudos contemporâneos da subjetividade*, 11(2), 233-250.
- Sales, T. A., & Carvalho, D. F. (2021). “The AIDS Memorial”: histórias de amor, perdas e lembranças em pedagogias de afetos. *Textura*, 23(56), 168-196. <https://doi.org/10.29327/227811.23.56-9>.
- Sales, T. A., & Estevinho, L. de F. D. (2021a). Cartografias de vida-e-morte em territórios pandêmicos: marcas-ferida, necro-bio-políticas e linhas de fuga. *Revista M. Estudos Sobre a Morte, Os Mortos E O Morrer*, 6(11), 275–293. <https://doi.org/10.9789/2525-3050.2021.v6i11.275-293>
- Sales, T. A., & Estevinho, L. F. D. (2021b). Carta para além dos muros biológicos: pistas de uma biologia menor e afetos possíveis com um documentário sobre HIV/AIDS. *Revista de Ensino de Biologia da SBEnBio*, 14(1), 290-311. <https://doi.org/10.46667/renbio.v14i1.484>
- Santos, B. S. (2020). *A Cruel Pedagogia do Vírus*. Edições Almedina.
- Tsing, A. (2019). *Viver nas ruínas: paisagens multiespécies no Antropoceno*. IEB Mil Folhas.
- Un aids. (2021). *ESTATÍSTICAS MUNDIAIS SOBRE O HIV: RESUMO INFORMATIVO*. 2021. Disponível em: <https://unaids.org.br/estatisticas/#:~:text=Em%2031%20de%20junho%20de%202021%2C%2028%2C%20milh%C3%B5es%20de,estavam%20tendo%20acesso%20ao%20tratamento>. Acesso em: 09 mai. 2022.
- 120 Batimentos por Minuto. (2017). Direção: Robin Campillo. França: 2017.